Safra 2007/2008

Recorde de fertilizantes

Evaristo M. Neves[1]
Guilherme Signorini[2]

O MERCADO mundial contaminado pela "febre do etanol" e a "epidemia do biodiesel", a elevação nos preços internacionais de algumas *commodities* do agronegócio são fatores indutores do aquecimento na demanda mundial por fertilizantes e, em conseqüência, da elevação de seus preços no primeiro semestre de 2007.

Segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), no caso brasileiro, as entregas e os preços dos fertilizantes, no primeiro semestre deste ano, tiveram crescimento expressivo, puxadas:

- Pela cana-de-açúcar, milho safrinha, trigo e a antecipação de compras para plantio da safra de 2007/08;
- Pelas maiores aquisições em diversos países, principalmente China e Índia;
- Pelos aumentos nos preços médios mundiais de 64% do nitrogênio, 42% do fósforo (P2O5) e 88% do potássio.

Em Mato Grosso, o maior estado consumidor de fertilizantes do Brasil, as entregas de fertilizantes somaram 1,876 milhão de toneladas no 1º semestre de 2007, 240% a mais que igual período de 2006. Esse número supera o do Paraná, que demandou 1,577 milhão toneladas, 80% a mais que em 2006. No estado de São Paulo, as entregas de 1,573 milhão toneladas, ficaram 22% superiores ao do 1º semestre de 2006.

Ao tomar por base o desempenho do primeiro semestre de 2006, quando as entregas foram de 20,982 mil toneladas, as previsões otimistas antevêem para 2007 entregas próximas ou mesmo com pequena superação do recorde alcançado em 2004, de 22,767 mil toneladas.

Para a Anda, se este 2º semestre continuar com o ritmo acelerado de venda, as estimativas remetem ao recorde da década e podem atingir entregas de 23,5 milhões de toneladas em 2007.

Nesse sentido, são esperados aumentos na área plantada com grãos e na utilização de insumos por unidade de área. A crise no setor agrícola brasileiro, principalmente para os produtores de grãos, cereais e fibras, em 2005 e 2006, inverteu a curva ascendente que ocorria na década em termos de entregas ao consumidor.

De fato, as entregas se retraíram para a soja, milho, arroz e trigo, No algodão, houve queda em 2005 e recuperação em 2006. Por sua vez, algumas culturas aumentaram a demanda total por fertilizantes, como o café e a laranja.

Uma análise interessante é a determinação do consumo relativo (quilos por hectare) para as principais culturas, para associar as oscilações dos preços recebidos pelos produtores com a variabilidade de área e consumo por fertilizantes.

Embora essa determinação de consumo relativo se baseie em fontes diferentes (Anda, em termos de consumo de fertilizantes, e Fibge, para a área plantada), a relação obtida pode explicar os ganhos ou retrações no uso por unidade de área, em função dos preços médios obtidos pelos produtores.

Variação das cotações (jul/2006 a jun/2007)

Produto	Variação %
Milho	55,9
Soja	39,5
Trigo	50,4

Fonte: Bolsa de Chicago

Estado de São Paulo: índice de preços pagos pelos produtores

Janeiro a dezembro de 2005	-14,13%
Janeiro a dezembro de 2006	-6,13%
Novembro de 2006	-4,49%
Dezembro de 2006	1,08%
Junho de 2006 a maio de 2007	20,91%
Dezembro de 2006 a maio de 2007	22,96%

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

Brasil: variação nos preços de fertilizantes

Maio a novembro de 2006	1,99%
Novembro de 2006 a maio de 2007	19,3%
Maio de 2006 a maio de 2007	21,82%

Fonte: Conab

Brasil: mercado de fertilizantes no primeiro semestre

Ano	Importações			Entregas	Produção
	Quantidade[1]	Preço[2]	Valor[3]	Quantidade[4]	Quantidade[5]
2006	4.036	190	731,7	5.801	4.003
2007	7.607	224	1.800,0	9.397	7.607
Variação	88,5%	17,8%	146%	62,0%	88,5%

Fonte: (1, 4 e 5) Anda – em mil toneladas; (2) Anda – US$/tonelada (3) Abiquim – US$ milhões

Brasil: total de entregas de fertilizantes (mil toneladas)

2001	2002	2003	2004	2005	2006
16.737	19.164	22.356	22.767	20.195	20.982

Fonte: Anda

Brasil: consumo de fertilizantes por cultura (mil toneladas)

Cultura	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	6.731	8.428	8.838	7.488	7.103
Milho	3.304	4.082	3.731	3.193	3.652
Cana-de-açúcar	2.333	2.600	2.695	2.832	3.131
Café	1.291	1.375	1.331	1.412	1.585
Algodão	696	950	1.078	785	1.044
Arroz	612	872	846	654	630
Feijão	534	650	602	514	545
Fumo	414	483	517	503	465
Laranja	362	406	393	426	456
Trigo	569	742	755	543	410

Fonte: Anda

Brasil: área plantada das principais culturas, 2002-2006 (mil hectares)

Cultura	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	16.361	18.450	21.581	23.410	21.994
Milho	12.329	13.326	12.797	12.248	12.972
Cana-de-açúcar	5.215	5.507	6.252	6.491	7.038
Feijão	4.317	4.366	4.324	3.953	4.220
Arroz	3.177	3.193	3.774	4.002	2.999
Café	2.380	2.585	2.455	2.541	2.520
Trigo	2.064	2.496	2.797	2.361	1.763
Algodão	761	721	1.155	1.263	911
Laranja	827	823	822	715	822
Fumo	339	392	461	499	500

Fonte: Fibge

Brasil: consumo relativo de fertilizantes (quilos por hectare)

Cultura	2002	2003	2004	2005	2006
Algodão	915	1.318	933	622	1.146
Fumo	1.221	1.232	1.121	1.008	930
Café	542	532	542	556	629
Laranja	438	493	478	596	555
Cana-de-açúcar	447	472	431	436	445
Soja	411	457	410	320	323
Milho	268	306	292	261	282
Trigo	276	297	270	230	233
Arroz	193	273	224	163	210
Feijão	124	149	139	130	129

Fonte: IBGE e Anda

A tomada de decisão do produtor quanto à utilização dos insumos depende dos preços recebidos e da sua expectativa para meses vindouros. É a chamada demanda derivada, em que a empresa do "antes da porteira" torce pela existência de preços atrativos para que os produtores não tenham problemas em seus fluxos de caixa. Preços compensadores levam os produtores a uma maior aplicação de insumos por unidade de área e trazem, também, a possibilidade de aumentar a área de plantio e, desta forma, há um aquecimento na demanda por insumos industriais, com aumento do seu uso e de sua aplicação.

O algodão, por exemplo, apresentou uma retração da área plantada em 2006, com uma maior aplicação de fertilizantes nas áreas cultivadas, a fim de manter uma produtividade favorável diante de preços em ascensão. Os dados do Ibge mostram que a produtividade média de

Quais são as previsões do USDA

Soja: a área ocupada na atual temporada é de 25,9 milhões de hectares, 15% a menos em relação à safra passada. A redução na área plantada nos EUA é um fator altista para as cotações nos próximos meses. As alterações dependerão da próxima safra sul-americana.

Algodão: queda também na área plantada, com 4,5 milhões de hectares, 27,6% a menos que a plantada em 2006/07, de 15,27 milhões de hectares. É a menor área desde 1989.

Trigo: redução na relação entre estoque e consumo no mundo na safra 2007/08 mantém as cotações do trigo em elevação no mercado internacional. Essa baixa relação é determinada pela menor oferta, uma vez que o consumo global segue relativamente estável.

Milho: nos EUA, com a febre do etanol, a cultura ganha terreno em cima da soja e do algodão. A área plantada nesta safra chega a 37,6 milhões de hectares, 18,6% maior que a utilizada na safra anterior. Uma possível retração dificilmente levará os preços de volta ao seu nível médio histórico ante a produção crescente de biocombustíveis. No caso brasileiro, a expectativa é de continuidade de incentivo a uma maior produção, já ocorrida com o milho safrinha.

algodão na safra 2005 foi de 195 arrobas por hectare, enquanto na safra de 2006, mesmo em menor área, a produtividade alcançada foi de 214 arrobas por hectare. Isso pode estar relacionado, entre outros fatores, ao consumo de fertilizantes, que saltou de 622 para 1.146 quilos por hectare.

As demais culturas podem ser analisadas de forma semelhante. Na cana-de-açúcar, entre 2005 e 2006, o aumento de 10,5% no consumo total de fertilizantes acompanhou o aumento de 8,4% na área plantada. Dessa forma, entende-se o aumento no consumo relativo acompanhado pelo crescimento da produtividade média nacional de 73 para 74 toneladas nas safras 2005 e 2006, respectivamente. Entre outros fatores, a maior aplicação de fertilizantes tem parcela no incremento gerado.

Existem outras inferências, como a evolução relativa ocorrida no uso de fertilizantes por unidade de área nas culturas de café e citros, quando os melhores preços internacionais ensejaram aprimoramento no manejo e uso de insumos nos dois últimos anos. Por sua vez, grãos e cereais, afetados pelos preços internacionais em queda, endividamento dos produtores, valorização do real, passaram por uma redução no uso de fertilizantes por hectare.

As informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos geram expectativas de crescimento da área plantada na próxima safra brasileira de verão, bem como maior uso de fertilizantes por unidade de área no embalo de preços atraentes.

O endividamento dos produtores exigirá certa cautela nos investimentos. Os custos de produção mais elevados e a deficiente logística no transporte rodoviário poderão inibir a expectativa de uma colheita próxima ao recorde de 2004, mesmo com crescimento da área e da demanda por fertilizantes pela cana-de-açúcar. É esperar para ver. ■

1 Prof. Titular – Esalq/USP.
E-mail: emneves@esalq.usp.br
2 Acadêmico em Engenharia Agronômica/Esalq.
E-mail: signorin@esalq.usp.br

Safra 2006/2007

Expansão da área

AS ATENÇÕES estão voltadas para a grande safra de verão 2007/08. A tendência é de aumento total nas áreas plantadas de cereais e oleaginosas. O comportamento das lavouras varia. Entre aquelas que devem crescer estão soja e arroz. Na verdade, não se trata bem de expansão, pois ambas recuperam parte do espaço perdido nos últimos dois anos. No algodão, o quadro é nebuloso, enquanto no milho deverá haver recuo na área plantada.

Do lado externo, o mercado assistiu à febre do etanol e o seu impacto de alta nas cotações das principais *commodities* agrícolas, a partir do último trimestre do ano passado. Isso foi estimulante e trouxe oxigênio para o setor. Afinal, a maior preocupação continua a ser a valorização do real ante o dólar, apesar de as tensões recentes nos mercado financeiros internacionais terem arrefecido em parte essa movimentação.

Na formação do resultado das lavouras, o risco cambial é um fator importante, principalmente nos anos de valorização do real. Muitos itens do custo de produção têm seus preços formados no mercado externo e, quando há valorização, fica mais barato em real e mais caro em dólar. Nos produtos de exportação

Custo de produção

Especificação	Custeio	Pós-colheita	Financeira	Total
1. Milho (R$/saca de 60kg)				
Chapadão	7,65	0,68	0,30	8,63
Sapezal	7,97	2,13	0,31	10,41
Campo Mourão	8,36	1,45	1,35	10,16
Balsas	11,54	3,05	0,52	15,11
Rio Verde	11,61	2,08	0,76	14,45
2. Soja (R$/saca de 60kg)				
Barreiras	15,35	1,63	1,13	18,11
Rio Verde	14,88	1,32	0,49	16,69
Sapezal	18,85	2,01	0,85	21,71
Primavera do Leste	15,40	2,52	0,79	18,71
Balsas	18,07	2,68	0,77	21,52
Unaí	19,51	3,26	0,52	23,29
3. Algodão (R$/@)				
Barreiras	10,57	5,62	0,85	17,04
Rio Verde	10,98	6,59	0,85	18,42
Rondonópolis	15,62	1,99	1,02	18,63
Parecis	14,75	1,95	0,85	17,55
Sorriso	14,83	1,95	1,08	17,86
4. Arroz (R$/saca de 60kg)				
Sorriso	15,42	3,21	0,65	19,28
Cachoeira do Sul	16,95	3,17	0,61	20,73
Itaqui	13,50	3,20	0,48	17,18

Fonte: CONAB

Apoio ao milho

Com uma produção de 50,6 milhões de toneladas e consumo de aproximadamente de 40 milhões de toneladas, houve excedente, na safra de milho 2006/2007, de 10,6 milhões de toneladas, o que provocou a queda do preço da *commodity*.

A cotação do produto ficou inferior aos preços mínimos de R$ 14,00 por saca de 60 kg, para o milho produzido no Sul, Sudeste, Goiás, Mato Grosso do Sul e no sul da Bahia, e de R$ 11,00 por saca para o milho produzido em Mato Grosso e Rondônia.

O governo federal destinou R$ 276 milhões a operações de apoio à comercialização de milho nos últimos cinco meses, e garantiu preços acima do mínimo. Foram negociados 5,1 milhões de toneladas por meio de operações:

- **Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) – 3,7 milhões de toneladas;**
- **Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) – 1,2 milhão de toneladas;**
- **Aquisição do Governo Federal (AGF) – 200 mil toneladas por AGF.**

isso afeta a competitividade porque as exportações encarecem em dólar e reduzem-se em real.

Entre o período de plantio e comercialização, a valorização média do real diante foi de R$ 2,80 a R$ 2,40 na safra 2004/05, de R$ 2,25 a R$ 2,15 na safra 2005/06 e de R$ 2,15 a R$ 1,95 na safra 2006/07. Um comportamento que penaliza o produtor rural.

Como será na safra 2007/08? Na esteira do etanol, a cana-de-açúcar amplia sua fronteira e força os grãos a ocuparem outros espaços. A tendência inicial era de repetir novamente o ciclo dos últimos anos, diante da expectativa de continuidade no processo de valorização do real. Agora, com a recente tensão nos mercados financeiros mundiais, o grau de imprevisão ficou maior.

O cultivo da soja está menor desde a safra 2004/05, quando foram plantados 22,15 milhões de hectares ante o recorde da safra 2003/04, de 23,28 milhões de hectares. Isso significa que, mesmo com um plantio maior, a oleaginosa ainda não recuperou sua maior área. Por sua vez, a boa colheita passada, combinada com a subida do preço internacional, possibilitou uma recuperação da lucratividade para os produtores, embora restringida pelo câmbio. Diante dos preços vigentes (R$ 30 a R$ 33 a saca) e dos custos estimados, a lavoura promete outro resultado positivo.

O arroz é outro produto com tendência de recuperação. Nos últimos dois anos, o arrozeiro do Rio Grande do Sul, principal produtor nacional, diante de preços desfavoráveis e pouca disponibilidade hídrica para o plantio, teve sua área reduzida. Pelo terceiro ano consecutivo a produção ficou inferior ao consumo. A rentabilidade da cultura dependerá da política agrícola para manter o preço acima dos custos de produção

Para o milho, a conjuntura não pesa a favor, com o enfraquecimento dos preços, pela entrada do produto da safrinha e o impacto do maior preço dos nitrogenados empregados na lavoura e, principalmente, pela cotação da soja. O cenário é francamente pró soja.

Para o algodão, o quadro é de indefinição. A alta nas cotações internacionais da fibra mudou a percepção de alguns cotonicultores que estavam fortemente decididos a cortes expressivos de área. Por sua vez, a subida do dólar em relação ao real ajuda, inclina o agricultor a aumentar a área plantada. ■

Crédito rural

Mais rigor na contratação

NA SAFRA 2006/07, o desembolso correspondente às aplicações do sistema oficial de crédito rural ficou, pelo segundo ano consecutivo, abaixo do orçamento original previsto pelo MAPA. Os indícios são de que o aumento na oferta de crédito rural não consegue cumprir o papel de estimular os negócios agropecuários.

A temporada, finalizada em 30 de junho último, cumpriu 89% do total programado, enquanto na safra 2005/06 o desembolso chegou a 95% do total. Com isso, nesses dois anos, deixaram de ser emprestados para os agricultores R$ 5,387 bilhões.

No lançamento do Plano de Safra, o governo anunciou R$ 50 bilhões para o setor, mas foram efetivamente aplicados R$ 44,613 bilhões. Na safra 2005/06, havia R$ 44,35 bilhões, e os empréstimos somaram R$ 42,345 bilhões. A diferença foi da ordem de R$ 2 bilhões.

Dois fatores básicos explicam a queda no indicador de desempenho:

- A crise de renda no segmento de grãos;
- Crescimento do endividamento rural.

Nesse ambiente, a política de concessão de crédito dos bancos fica mais restritiva e seletiva. Os bancos contraem o crédito e ficam mais criteriosos nos exames dos cadastros apresentados pelos produtores.

Quando se analisa o desempenho do crédito rural nas safras 2005/06 e 2006/07, os indícios são de uma forte desaceleração no crédito para investimentos, quando comparado ao custeio e à comercialização.